

Conclusões

A ambição deste trabalho foi contribuir para o estudo do jornalismo de proximidade, em especial do radiojornalismo, tendo como objecto de estudo específico a Rádio Clube de Matosinhos. Tentaram-se determinar os contornos do conceito de jornalismo de proximidade, discutiram-se as questões da noticiabilidade no jornalismo local e apresentaram-se vários contributos teóricos sobre radiojornais e expressão radiojornalística. Aplicou-se, seguidamente, o enquadramento teórico à análise dos radiojornais da RCM. Quais são, após este percurso, as grandes conclusões que se podem extrair?

1. Não há dúvida que, cumprindo um contrato com o ouvinte local, a Rádio Clube de Matosinhos é um meio de proximidade. Os radiojornais indiciam-no sobejamente, dado que privilegiam a informação local, embora neste campo a informação institucional, resultante de fontes oficiais, seja dominante. A Rádio Clube de Matosinhos, não sendo, de forma alguma, “voz do dono”, tem, efectivamente, uma profunda ligação às principais instituições do concelho, em especial à autarquia (15% das notícias são sobre a Câmara Municipal de Matosinhos). Esta relação pode ser benéfica, na medida em que compete à rádio publicitar os actos do poder local; mas uma excessiva proximidade, sempre um risco, pode comprometer a independência e a neutralidade da informação. De qualquer modo, o radiojornalismo praticado na RCM, ainda que com laivos de amadorismo, não pode ser visto como um jornalismo subserviente aos poderosos locais. Mesmo a cobertura da autarquia, de facto privilegiada, não é, no tom, muito diferente da cobertura de outras instituições locais. O tom é relativamente inócuo e factual, conforme ficou demonstrado na análise qualitativa.

2. Os radiojornais da RCM são pouco diversificados nos temas e pouco expressivos nos géneros jornalísticos, no discurso e na construção das notícias.

Uma certa tonalidade *amadorística* emerge desse facto. Embora as restrições ao nível dos recursos humanos (a rádio só possui duas pessoas com verdadeira formação em jornalismo, mas uma delas, o director, também tem de se dedicar à administração da emissora), financeiros e técnicos ajudem a explicar aquele facto, talvez exista uma forma de contrariá-lo: a abertura da RCM à inclusão de estagiários de Ciências da Comunicação e Jornalismo que, devidamente orientados, poderão contribuir para assegurar uma maior diversidade temática e expressiva nos noticiários da RCM, insistindo, por exemplo, na *reportagem de proximidade*, com abundante auscultação de fontes. Outra solução, em acumulação com a anterior, seria a contratação de dois jornalistas com formação, pelo menos a tempo parcial (um de manhã e outro de tarde), apenas para assegurar serviço de reportagem, mas os custos dos salários de mais dois funcionários podem ser excessivos para a Rádio Clube de Matosinhos, que trava diariamente uma batalha pela sobrevivência, tal como as restantes rádios locais. A *capacitação formativa dos recursos humanos existentes* também poderá ser estudada, mas pode tornar-se difícil por se anteverem não apenas resistências de colaboradores de longos anos muito tarimbados no seu trabalho mas também problemas financeiros para pagamento aos formadores. E em todo o caso, os problemas financeiros (que impedem, por exemplo, que se use massivamente o telefone e telemóvel) e técnicos (insuficiência dos equipamentos) manter-se-iam e até poderiam ser agravados pela alocação de recursos financeiros à formação.

3. Numa rádio local como a Rádio Clube de Matosinhos, raros serão os jornalistas de profissão (na RCM, somente há um jornalista com carteira profissional). Os restantes serão mais radialistas por vocação do que jornalistas por formação. Em consequência, o amadorismo impera, a qualidade técnica dos radiojornais não é a melhor e, sobretudo, muitas das pessoas que fazem informação encontram-se desvinculadas dos normativos legais e deontológicos específicos do jornalismo, Quando estes não fazem parte da lei geral, os radialistas não são obrigados a cumpri-los. O descompromisso ético e deontológico com o jornalismo poderia ser grave se a informação produzida na RCM não tivesse um cariz descomprometido, básico, factual e, portanto, relativamente inócuo. De qualquer modo, este

problema tem solução difícil, já que investir numa redacção profissionalizada, ou maioritariamente profissionalizada, é demasiado caro para uma rádio como a RCM, se bem que algumas das soluções já expressas no ponto 2 destas conclusões (recurso a estagiários) possam ser uma opção. Realce, no entanto, para o facto dessa mesma possibilidade ser problemática, pois o recurso a estagiários (mão-de-obra profissionalizada e barata) para fazerem o serviço que deveria ser feito por profissionais é eticamente questionável, mesmo quando lhes são pagas refeições e deslocações. Em suma, um projecto profissional de rádio local não deveria admitir situações problemáticas e soluções de contingência, mas a luta pela sobrevivência é dura e pode obrigar a soluções pouco ortodoxas e até eticamente questionáveis.

Em resumo, pode dizer-se, como grande conclusão, que a Rádio Clube de Matosinhos presta aos matosinhenses um serviço informativo noticioso que, embora digno, é também básico e tem um grande espaço para progredir, técnica e expressivamente, tornando as notícias mais vivas e atraentes. Mas também tem um grande espaço para progredir em termos de ambição informativa e de prestação de um serviço de utilidade à comunidade, pois as notícias, na emissora, podem ser – e deveriam ser – mais profundas e contextuais, mais úteis – o que permitiria converter o noticiário da *imagem de marca* da RCM. A produção própria de informação, nomeadamente o recurso à reportagem, as sondagens, a audição dos matosinhenses sobre os seus problemas, o confronto dos políticos com as perguntas dos matosinhenses, são caminhos que poderiam – e deveriam – ser trilhados. O problema é que uma rádio local enfrenta enormes constrangimentos financeiros, que a impedem de contratar os recursos humanos, obter os equipamentos e, de uma forma geral, financiar o fabrico de informação de maior qualidade. Um problema bicudo e quase irresolúvel... tanto mais quando se pensa que o recurso a estagiários levanta problemas éticos, pois o trabalho de estagiários rouba emprego a jornalistas profissionais.

Apesar dos problemas identificados nos radiojornais da RCM, também não é menos verdade que a RCM tenta compensar a pobreza informativa dos noticiários com programas de comentário, debate e contextualização, como o Clube de Pensadores e o Ondas de Palavras. Ou seja, no panorama global da informação, umas coisas vão compensando as outras.

Pesquisa posterior poderá, usando a mesma metodologia usada na presente investigação, eventualmente mais apurada, descrever e comparar os radiojornais das rádios da cintura urbana do Porto (Matosinhos, Maia, Gaia, Valongo e Gondomar), lançando luz sobre os radiojornalistas, os radiojornais e os processos radiojornalísticos locais na periferia de uma grande cidade. Poder-se-ão organizar, por exemplo, grupos de foco, com ouvintes ou com jornalistas, para apurar quais as consonâncias e dissonâncias na apreciação que ambos os grupos fazem dos radiojornais dessas rádios e quais as soluções que propõem para os tornar informativa e expressivamente mais interessantes e relevantes. Poder-se-ão, ainda, ampliar as amostras e estender os períodos de observação participante, para uma análise mais rigorosa dos processos de recolha de informações junto das fontes para uma determinação mais exacta do grau de permeabilidade das rádios – incluindo da Rádio Clube de Matosinhos – aos diferentes tipos de fontes. Sobretudo, poderão, eventualmente, comparar-se diferentes soluções informativas e até diferentes modelos de negócio, se existirem, tentando encontrar-se uma melhor fórmula para a informação radiofónica no Grande Porto e para a sobrevivência das rádios locais da região.

(Perdoando-se, finalmente, o desabafo de quem é director e proprietário da Rádio Clube de Matosinhos, e também autor desta dissertação, que pôde, neste trabalho, observar com mais nitidez a sua própria rádio e reflectir sobre ela, vai-se fazendo o que se pode e lutando-se quotidianamente para a emissora sobreviver, enfrentando a crise. Não é fácil!)